



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14003 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

MATERNIDADES PERIFÉRICAS NA SÉRIE SINTONIA

Carin Klein - ULBRA - Universidade Luterana do Brasil

Maria Elva de Jesus Matos - SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Juliana Ribeiro de Vargas - PPGEDU/UFRGS

MATERNIDADES PERIFÉRICAS NA SÉRIE *SINTONIA*

Resumo

Neste trabalho buscamos problematizar representações de maternidades vivenciadas por mulheres periféricas visibilizadas pela série brasileira *Sintonia*, apresentada pela plataforma *Netflix* desde 2019. Embasadas pelos campos teóricos dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero e ainda, a partir da metodologia da análise cultural, buscamos compreender de que modo mulheres mães são representadas na série e que experiências, lugares e sentidos são relacionados à elas. Para a pesquisa, produzimos duas cenas vinculadas a essa discussão, retiradas dos episódios da primeira temporada da série em questão, por perceber seu potencial em movimentar e produzir ensinamentos de feminilização e de maternidade, vinculados às mulheres de diferentes gerações. A análise das cenas permite-nos pensar que, apesar do tensionamento de algumas características, as representações mobilizadas pelo artefato em questão, ainda visibilizam, em maior medida, dimensões relacionadas às maternidades naturalizadas. Compreendemos, também, que problematizar representações das periferias urbanas visibilizadas no contexto midiático, nos tempos atuais, pode significar uma melhor compreensão das condições que organizam as vidas das pessoas que habitam tais espaços.

Palavras-chave: Estudos Culturais. Estudos de Gênero. Maternidades. Série *Sintonia*.

Pretendemos, com este trabalho, problematizar representações de maternidades vivenciadas por mulheres periféricas visibilizadas pela série brasileira *Sintonia*, apresentada pela plataforma *Netflix* desde 2019. Compreendemos, também, que problematizar representações das periferias urbanas visibilizadas no contexto midiático, pode significar

uma melhor compreensão das condições que organizam as vidas das pessoas que habitam tais espaços. Tal dimensão ganha especial relevância ao analisarmos os dados prévios do último Censo Demográfico, os quais demonstram um aumento de 40% da população residentes em favelas nos últimos doze anos (2010-2022).

Embasadas pelos campos teóricos dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, buscamos compreender de que modo mulheres mães são representadas na série e que experiências, lugares e sentidos são relacionados à elas. Seguindo essa direção, produzimos o *corpus* de pesquisa a partir da série *Sintonia* por entendermos que esse artefato cultural possui grande circulação entre os/as jovens, além de servir como um local da cultura que veicula modos de ser e de viver de uma periferia urbana ^[1]. Vale destacar que os principais personagens são vivenciados pelos atores Christian Malheiros, como Nando; Pedro Carvalho, como Doni; e Bruna Mascarenhas, como Rita. A série foi filmada na comunidade de Jaguaré, em São Paulo, e conta a história desses três personagens, atravessados pelo fascínio do funk, pelo comando do tráfico de drogas e pela forte presença da igreja evangélica neopentecostal. Para a pesquisa, produzimos cenas vinculadas à discussão retiradas dos episódios da primeira temporada da série em questão por perceber seu potencial em movimentar e produzir ensinamentos de feminilização e de maternidade, vinculados às mulheres de diferentes gerações. Contudo, precisamos destacar que o olhar sobre a mulher, como um ser dotado de “instinto materno” e que deve colocar os interesses da família, na frente dos seus próprios desejos, ainda prevalece e é ensinado em grande parte das sociedades (KLEIN, 2018). Isso não é diferente na cultura brasileira, marcada por um modelo familiar firmado sob uma série de padrões e normas culturais acerca do feminino e da maternidade.

Nossa filiação às perspectivas teóricas já citadas ocorre devido a possibilidade de tensionarmos e problematizarmos as naturalizações ligadas às formas de viver a maternidade em nossa cultura. De acordo com Meyer (2013), o conceito de gênero pode ser utilizado como uma ferramenta analítica e política, permitindo-nos questionar e desconstruir as certezas que circulam em relação aos corpos, às identidades de gênero e às formas de organização social. Partimos da compreensão de que os corpos femininos e masculinos se afastam de vertentes que os analisam como algo dado e/ou inato, resultado de uma ordem biológica.

As feminilidades, nesse sentido, são pautadas pela pluralidade, hierarquias e nas normas de gênero vigentes, que podem ser compreendidas ao se considerarem as tensões, resistências e cooperações, não só entre as variadas manifestações de masculinidades, mas também entre essas e as feminilidades, além das feminilidades entre si (VARGAS e RODRIGUES, 2022). As discussões acerca da maternidade podem ser exploradas tanto do ponto de vista da desnaturalização do sujeito mulher, quanto da própria radicalização da crítica pós-estruturalista ao sujeito estável, unívoco e centrado. Portanto, pensar a maternidade envolve compreender modos de ser, impostos (ou diversos) para o feminino e/ou masculino, bem como compreender as experiências que indicam maneiras de se

identificar como mulher, homem, mãe, pai, ou até, não binários. A maternidade será tomada por nós como uma marca de gênero, inscrita e naturalizada, a partir das experiências vividas nos corpos. Busca-se no âmbito da cultura naturalizar às mulheres funções e sentimentos ligados ao cuidado, à defesa dos/as filhos/as, à criação, à saúde, etc., e quem não cumpre essas funções, não persegue esse caminho produzido como natural, torna-se uma mulher “desnaturada”, pois vive fora do que é esperado às mulheres (KLEIN, 2012).

Como orientação metodológica, seguimos o caminho da análise cultural, aliado às análises de gênero, pois tratam justamente de localizar os processos de significação e de naturalização, envolvidos nessa produção, em documentos, leis, instituições, políticas públicas e em séries como *Sintonia*. Problematizar esses processos significa analisar como os artefatos veiculam ensinamentos e linguagens que atuam na produção de determinados regimes de verdade, mas também de diferenças que incidem em desigualdades. Realizadas essas considerações sobre maternidade, passamos agora para as cenas previamente selecionadas para realização das discussões.

Cena I: Jussara “não criou sua filha para ser lixo”!

Nesta cena, destacamos as ações de três personagens: Rita (jovem que sobrevive vendendo produtos no comércio ilegal); Cacau (jovem, melhor amiga de Rita, que acaba detida em uma operação policial contra a venda de produtos) e Jussara (mãe de Cacau e vizinha de Rita). Após a prisão de Cacau, Rita é submetida à agressão física e verbal por parte de Jussara, mãe de Cacau. A reação é caracterizada como uma manifestação de revolta decorrente do encarceramento de sua filha.

A fala de Jussara, ao dizer “que não criou sua filha para ser lixo igual a Rita”, pode ser interpretada como uma expressão de desejo de que sua filha tenha um futuro diferente de sua vida atual. Logo, compreende-se o esforço por parte de Jussara para afastar sua filha de uma vida de dificuldades, ao mesmo tempo pode ser entendido como uma tentativa de protegê-la do tráfico, instância que regulamenta a vida de muitos moradores na região, atuando como “Estado Paralelo”. A postura de Jussara como mãe, parece divergir de padrões socialmente aceitos, mas vale pensar em como essa mulher mãe aprendeu formas para a resolução de conflitos necessárias frente a realidade cotidiana, naquele determinado local. Conforme destaca Vargas (2015), as mulheres das periferias jamais estiveram próximas do chamado “sexo frágil” e assim, operando posturas distintas daquelas naturalmente relacionadas ao feminino.

Podemos pensar que essa atitude agressiva da personagem da série *Sintonia* também pode ser entendida como uma estratégia de adaptação dentro do contexto socioeconômico desfavorável retratado na trama. Isso pode ser compreendido ali, como uma forma de impor respeito, proteção da filha, afirmação de independência e de uma forma de viver a feminilidade/maternidade diante da sociedade desigual retratada na série. É importante destacar que Jussara é pobre e residente de uma comunidade periférica, em que as condições de vida são desfavoráveis e esses aspectos são importantes para entendermos a

relação entre contexto socioeconômico e o seu comportamento agressivo, inclusive para conseguir trabalhar à noite, vendendo suas mercadorias nos bailes.

Além disso, é importante mencionar que Jussara, na cena destacada, conta com o auxílio de outras mulheres, o que pode sugerir a existência de normas e regras comportamentais específicas naquele determinado grupo e que justificam o uso da violência física, de linguagem ofensiva e, até mesmo, de silenciamento diante de situações de assédio, como Vargas e Rodrigues (2022) destacam ao analisar o dispositivo da feminilidade sob condutas de jovens alunas contemporâneas.

Cena II: Lucrécia, o filho e o funk

A personagem Lucrécia é a mãe de Doni, um dos personagens principais da série e o único que frequenta o ambiente escolar. Na cena analisada, Lucrécia conversa com seu filho, procurando entender o motivo de suas faltas na escola. Evangélica, petenconstal e dona de casa, Lucrécia auxilia o marido no pequeno comércio, fonte de sustento da família, assim como o filho. Contudo, ele anseia tornar-se um cantor de funk de sucesso e, como consequência, acaba afastando-se da escola. Na cena, Doni mostra à mãe um vídeo de sua performance, a qual ela reconhece como bonita, mas ressalta a importância da educação e do estabelecimento de metas para o seu futuro.

A cena descrita mostra uma situação comum em muitas famílias, em que os pais têm expectativas diferentes dos filhos quanto ao seu futuro. A representação de Lucrécia, como mãe e esposa, visibiliza a responsabilidade dos cuidados com a casa, com o comércio da família, com o filho (mesmo que um quase adulto) e ainda, com seu marido, que “apenas” provê o lar! Podemos pensar ainda que a religião desempenha um lugar importante em sua vida e pode atuar sobre a sua constituição como mulher e mãe, bem como sobre sua opinião sobre o futuro do filho, a qual compreende como uma carreira instável e pouco respeitável. No entanto, mesmo discordando das escolhas profissionais do filho, Lucrécia acoberta o segredo sobre as ausências de Doni na escola e de suas primeiras apresentações no mundo do funk.

Podemos depreender a naturalização sobre a sobrecarga emocional de mulheres mães como Lucrécia, as quais colocam-se em último plano e atendem, prioritariamente, necessidades, anseios e desejos do marido e do filho. No caso específico da personagem, toda a organização do cotidiano, das tarefas do lar e do comércio da família, cabe a ela. Podemos questionar: se Lucrécia tivesse uma filha, sua sobrecarga seria a mesma? Por que um artefato contemporâneo ainda reitera tais (im)possibilidades de vida para mulheres como Lucrécia? Nesse sentido, Klein, Dal'igna e Schwengber (2021) analisam sentidos sobre as maternidades e o trabalho, a partir de reportagens veiculadas em jornais e revistas online, publicadas em 2020, durante a pandemia de Covid-19. As autoras, tanto visibilizam o trabalho das mulheres na pandemia, vinculadas a sobrecarga das tarefas domésticas e reprodutivas, por serem tomadas como próprias do feminino e da maternidade, como

também evidenciam nas análises das reportagens, a necessidade de reivindicar e ampliar as redes de apoio, diante do aprofundamento das desigualdades sociais vivenciadas por meio da maternidade.

Palavras Finais:

De modo geral, pontuamos que os Estudos Culturais e os Estudos de Gênero são campos interdisciplinares que buscam compreender como a cultura e as representações de gênero estão imersas em relações de poder, incidindo sobre algumas desigualdades entre mulheres e homens, mães e pais, cuidado e sustento, existentes na sociedade.

Vale dizer que os campos de estudo aos quais nos filiamos também se preocupam com a forma como as pessoas se relacionam com os artefatos culturais e como esses artefatos são utilizados para comunicar e reforçar determinados valores, crenças e normas sociais. Conforme Klein (2012), em vez de se concentrar apenas na cultura e nas relações familiares, ensinando as pessoas como “ensinar com amor” ou “adotar hábitos saudáveis”, talvez seja necessário compreender um conjunto mais amplo de fatores que atuam sobre as formas como se estabelecem valores, conhecimentos e modos de vida relacionados à educação. Logo, devemos considerar aspectos econômicos, políticos, sociais e históricos que também têm impacto nessa constituição (KLEIN, 2012, p. 655).

Dessa forma, torna-se importante reconhecer e considerar os atravessamentos de outros marcadores identitários e sociais, como pertencimento social, raça, orientação sexual, acessos públicos, etc., para compreendermos a experiência de ser mãe/mulher na sociedade atual. Tais atravessamentos incidem diretamente nas condições e possibilidades oferecidas a essas mulheres em suas vidas e em sua relação com a maternidade. Além disso, é importante analisar o contexto histórico e social em que essas experiências estão inseridas, bem como a forma como as instituições e sistemas sociais re/produzem as desigualdades de gênero por meio da maternidade.

A partir da análise, é possível compreender que a noção de que todas as mulheres possuem um instinto materno inato e intrínseco é uma construção cultural, completamente refutada pelas escolhas teóricas presentes nesse estudo. Esta noção da mãe natural pode ser localizada em muitos lugares da cultura, sobretudo ao valorizar e enaltecer a maternidade como um destino inevitável e desejado por todas as mulheres, minimizando outras possibilidades e escolhas individuais.

REFERÊNCIAS:

KLEIN, Carin. Discursos que concorrem para a produção de infância e maternidade em políticas de inclusão social. **Textura**. Canoas. v. 20, n. 43. p.53-78 maio/ago 2018

KLEIN, Carin, DAL'IGNA, Maria Cláudia e SCHWENGBER, Maria Simone. Mulheres mães trabalhadoras na pandemia de Covid-19: produção de sentidos em jornais e revistas online.

Textura. Canoas. v. 23 n. 55 p.- 5-37 jul./set. 2021

MEYER, Dagmar. Gênero e Educação: teoria e política. IN: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane e GOELLNER, Silvana (Orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes. 2013.

VARGAS, Juliana Ribeiro, RODRIGUES, Diéssica Gonçalves. A culpa é tua! O dispositivo da feminilidade operando condutas de jovens alunas contemporâneas. **Margens** (UFPA), v. 16, p. 167-182, 2022.

VARGAS, Juliana Ribeiro. **O que ouço me produz e me conduz?** A constituição de feminilidades contemporâneas de jovens contemporâneas no espaço escolar da periferia. 2015. 182 f. Tese (Doutorado em Educação) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

[1]

A série é produzida por Kondzilla, produtor de clipes de funk e dono de um dos maiores canais do Youtube brasileiro. Ela retrata a história de três amigos da favela, onde cada um segue um rumo diferente (música, igreja e crime), mas sempre se encontram. Fonte: <https://kondzilla.com.br> Acesso em 30 mar. 2023.